



**DOSSIÊ TEMÁTICO:**

**CIDADES E URBANIZAÇÃO NA ÁFRICA SUBSAARIANA E EM  
MOÇAMBIQUE**

**Artigo**



**VIOLÊNCIA DO PROCESSO DA URBANIZAÇÃO EM MOÇAMBIQUE:  
ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DOS MURROS RESIDENCIAIS**

**VIOLENCE IN THE URBANIZATION PROCESS IN MOZAMBIQUE:  
ANALYSIS OF THE CONSTRUCTION OF RESIDENTIAL WALLS**

**VIOLENCE DANS LE PROCESSUS D'URBANISATION AU MOZAMBIQUE:  
ANALYSE DE LA CONSTRUCTION DE MURS RESIDENTIELS**

*Por Bebito Manuel; José Joaquim Franze; José Megaço; Joaquim Miranda Maloa; João Gervásio Bacar; Nelson Maquil & Plácido Bento Miguel*

*Bebito Manuel*  
Universidade Licungo, Moçambique

*José Joaquim Franze*  
Polícia da República de Moçambique  
<http://orcid.org/0000-0002-7621-3745>  
Contato: josefranze1@gmail.com

*José Megaço*  
Universidade Pedagógica, Maputo, Moçambique

*Joaquim Miranda Maloa*  
Universidade Rovuma, Maputo, Moçambique  
<https://orcid.org/0000-0002-9277-2133>  
Contato: mwanamaloa@gmail.com

*João Gervásio Bacar*  
Mestrando em Gestão Ambiental  
Universidade Rovuma - Niassa, Moçambique

*Nelson Maquil*  
Mestrando em Gestão Ambiental  
Universidade Rovuma - Niassa; Moçambique

*Plácido Bento Miguel*  
Licenciado em Geografia  
Universidade Rovuma-Extensão de Niassa,  
Moçambique

Como citar  
MANUEL, B.; FRANZE, J.J.; MEGAÇO, J.; MALOA, J.M.; BACAR, J.G.; MAQUIL, Nelson; MIGUEL, P. B (2023) Violência do processo da urbanização em Moçambique: a análise dos murros residenciais. **Boletim GeoÁfrica**, v. 2, n. 5, p. 53-67, jan.- mar. 2023.

Recebido 20/02/2023.  
Aceite: 28/03/2023



**RESUMO.** Nas últimas duas décadas a expansão urbana em Moçambique, tem sido acompanhada pelo crescimento do crime violento, desde meados dos anos 90, que gerou o medo e uma série de novas estratégias de proteção e reação, dentre as quais a construção dos muros altos, tornou-se a mais emblemática. Este artigo analisa a forma pela qual o crime, o medo da violência tem criado transformações urbanas para produzir um novo padrão residencial. A pesquisa na qual se baseia este artigo foi realizada entre 2021 e 2022 e apoia-se numa combinação de metodologias e tipos de informações, como pesquisa bibliográfica e observação participante. Dentro deste contexto, observa-se que os muros altos nas cidades moçambicanas para além de garantir a segurança e privacidade dos residentes, tornou-se também um novo modelo de segregação socioespacial, que está se disseminando rapidamente não só nos espaços urbanos, mas também nos rurais.

**Palavras – chave:** Violência. Urbanização. Crime e Construção de muros residenciais

**ABSTRACT.** In the last two decades, urban expansion in Mozambique has been accompanied by the growth of violent crime, since the mid-90s, which has generated fear and a series of new protection and reaction strategies, among which the construction of high walls, has become the most emblematic. This article analyzes the way in which crime and the fear of violence have created urban transformations to produce a new residential pattern. The research on which this article is based was carried out between 2021 and 2022 and is based on a combination of methodologies and types of information, such as bibliographical research and participant observation. Within this context, it is observed that high walls in Mozambican cities, in addition to ensuring the safety and privacy of residents, have also become a new model of socio-spatial segregation, which is rapidly spreading not only in urban spaces, but also in rural areas.

**Keywords:** violence; urbanization; crime and construction of residential walls

**RÉSUMÉ.** Au cours des deux dernières décennies, l'expansion urbaine au Mozambique s'est accompagnée d'une croissance de la criminalité violente, depuis le milieu des années 1990, qui a généré la peur et une série de nouvelles stratégies de protection et de réaction, y compris la construction de hauts murs, sont devenues la plus emblématique. Cet article analyse comment le crime et la peur de la violence ont créé des transformations urbaines pour produire un nouveau modèle résidentiel. La recherche sur laquelle cet article est basé a été menée entre 2021 et 2022 et repose sur une combinaison de méthodologies et de types d'informations telles que la recherche documentaire et l'observation participante. Dans ce contexte, on observe que les hauts murs des villes mozambicaines, en plus de garantir la sécurité et l'intimité des résidents, sont également devenus un nouveau modèle de ségrégation socio-spatiale, qui se répand rapidement non seulement dans les espaces urbains, mais aussi dans les zones rurales.

**Mots clés :** Violence. Urbanisation. Criminalité et construction de murs résidentiels.



## INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas a expansão urbana em Moçambique tem sido acompanhada pelo crescimento do crime violento que, desde meados dos anos 90, aumentou o sentimento de insegurança na população. Como mostra um dos entrevistados: *"O único medo é o assalto que ocorre nas residências em grupo de dez a quinze, encapuzados, com armas brancas ou de fogo, (...), tornando as noites não agradáveis (...)"*<sup>1</sup>. A violência urbana e o medo de crimes violentos fazem hoje parte da vida cotidiana da população urbana.

Este artigo centra-se na violência decorrente da natureza do processo de urbanização. Do latim *violentiā* – a violência é a “qualidade ou estado do que é violento; ato de violentar; força empregue contra o direito natural de outrem; ação em que se faz uso de força bruta; crueldade; força; intensidade; veemência; ímpeto; prepotência; tirania; coacção” (KULA, 2009, p.19). Segundo a Organização Mundial de Saúde (2016), a violência é o uso intencional de força, ou poder, contra si ou contra outra pessoa ou grupo, resultando em grande probabilidade de ferimentos, morte, afectação psicológica, desenvolvimento precário ou privação de razão.

O processo de urbanização faz surgir espaços residenciais distintos em razão da classe social dos moradores. Os crimes contra propriedade são na sua maioria praticados contra a classe abastada, devido a presença de bens procurados pelos criminosos. Por sua parte, os crimes contra pessoas ocorrem na sua maioria em bairros periféricos pobres, sem iluminação pública, saneamento do meio, policiamento ostensivo e caracterizados por uma elevada densidade populacional por comodo (FRANZE, 2017). Ainda de acordo com Franze (2020), as diversas formas de incivildades prevalentes nestes bairros periféricos moçambicanos constituem, também, factores da criminalidade.

A urbanização é um fenómeno que acontece em quase todos os países, tendo cada continente um ritmo diferente, e que tem contribuído para uma grande alteração do território (ESTEVEVES, 1999). A violência decorrente da natureza do processo de urbanização se manifesta pelo crescimento do crime que, desde meados dos anos 90, gera medo e uma série de novas estratégias de protecção e reacção por parte dos cidadãos. A construção dos muros altos tornou-se a mais emblemática delas, o que tem efeitos nefastos para o setor de segurança, as actividades

<sup>1</sup> Entrevistado na cidade de Lichinga em 2021.



económicas e sobre a arquitectura da vedação residencial. Portanto, o recrudescimento da criminalidade urbana levou a população a adotar uma estratégia de auto-segregação com muros altos, um autêntico enclave social, impedindo uma vigilância natural<sup>2</sup>.

Tal como apontam Jacobs (2000) e Caldeira (2000), “a violência e o medo combinam processos de mudança social nas cidades contemporânea”. Hoje em dia, o uso de portões, grades ou sistemas de alarme, caracteriza a arquitetura da cidade e tem modificado a paisagem urbana (MEDEIROS et al.,2006). Ademais, assiste-se a uma proliferação de indústrias privadas de segurança que vê na criminalidade uma oportunidade para o desenvolvimento de um negócio rentável.

Nesse artigo, analisamos, a violência do processo da urbanização em Moçambique, aferindo a reação da população ao construir muros altos para supostamente se proteger da criminalidade. Esse novo tipo de residência a partir de uma série de perspectivas interligadas, apresenta diversos momentos. Em primeiro lugar, analisamos as suas desvantagens, na medida em que prejudica o policiamento natural (aquele feito por transeuntes), fazendo com que o criminoso se sinta longe de ficar descoberto e preso. Em Moçambique, nos últimos anos, não foi apenas o crime violento que aumentou, mas também formas de abusos e violência protagonizados pelas instituições responsáveis pela prevenção do crime e pela proteção dos cidadãos. Em segundo lugar, analisamos a violência decorrente da natureza do processo de urbanização e sua relação com a produção de muros altos. Em terceiro lugar, discutimos alguns aspectos problemáticos da vida cotidiana provocadas por muros altos das residências.

## **O AUMENTO DO CRIME VIOLENTO URBANO EM MOÇAMBIQUE**

Maloa (2015 e 2019), argumenta que foi na década de 1990 que o crime violento urbano começou a aumentar, principalmente por meio de casos de agressão física que constituíam mais de um terço dos crimes anuais (Gráfico 1). Autores como Serra, (2008, 2009) e Vatune (2013), apontaram também que, na mesma década, começaram a repercutir novas modalidades criminosas no espaço urbano moçambicano, com maior destaque para os linchamentos, homicídios

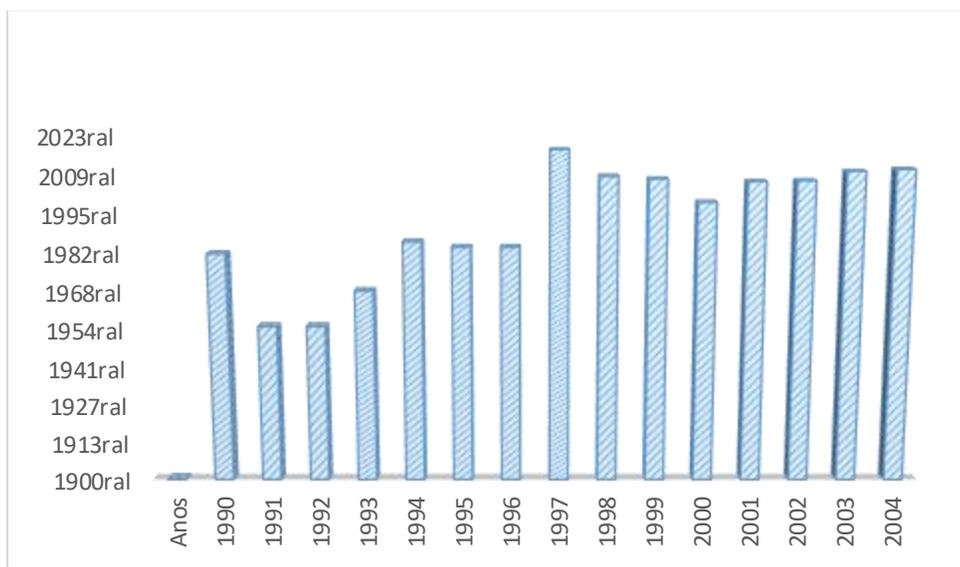
---

<sup>2</sup> Vigilância feita por transeuntes nas calçadas.



(SHABANGU, 2011), roubos de automóveis com recurso à arma de fogo (PAULINO, 2003; SHABANGU, 2011), raptos (ALBERTO, 2015; FRANZE, 2021).

Gráfico 1: Crimes em número absolutos, Moçambique (1990-2004).



Fonte: Comando Geral da Polícia de Moçambique (2005).

A taxa de crime passou de 281 por 100 mil habitantes em 1997 para 250 em 2004. Esses dados ilustram um fenômeno inédito sobre a nova sociedade urbana, que introduziu objetos do desejo, que mobilizam cobiças e posses. Como diz M'Bembe (2001), tanto as fontes como os vetores destes objetos estão largamente difundidos noutras sociedades. Porém, a singularidade da sociedade urbana moçambicana é a magnitude da carência e da escassez de categorias de bens, que têm ampla visibilidade, são conhecidos mas são consumidos por poucos. Isso tem estimulado formas violentas de criminalidade voltada para a posse desses objetos (ADORNO, 1999; 2002).

Os homicídios, como mostra Franze (2020), têm ocorrido nas áreas residenciais periféricas desprovidas de condições socioeconómicas favoráveis. Ainda de acordo com Franze (2020), os crimes contra a vida são na sua maioria praticados em áreas pobres, movidos por ciúmes e consumo excessivo de bebidas alcoólicas, enquanto os crimes contra propriedade são, na sua maioria, cometidos em áreas ricas, devido a presença de bens cobiçados pelos criminosos.

Dentro deste cenário, aumentou o número de presos que passou de 8.812 reclusos em 2000; para 15.000 em 2006; 16.881 em 2012, e 15.663 em 2014. Houve também transformações nas



penas aplicadas. Penas alternativas à prisão permitem o envolvimento da sociedade na recuperação dos cidadãos em conflito com a lei (HORIZONTE 25, 2014) e penas mais duras são aplicadas para crimes violentos (CÓDIGO PENAL, 2019). Cresceu o tempo médio de encarceramento e aumentou o policiamento nas áreas próximas aos edifícios bancários, casa de câmbios e comércios.

Cresceram, ao mesmo tempo, os serviços de segurança privada para a proteção de bens públicos e privados, como apontou o representante de Segurança de Moçambique (MOSEG), o general Estanilau Fidelis, cuja empresa foi fundada em 2001 e que já tinha um efectivo de cerca de dois mil trabalhadores e um volume de negócios significativos em 2004 (MASCARENHA.; CARVALHO, 2004). Hoje, a indústria de segurança privada difunde seus serviços um pouco por todos os espaços urbanos e rurais, não podendo apenas estar associada exclusivamente ao aumento do crime e do medo, nem às disfunções da polícia e do sistema judiciário. Deve-se considerar também a oportunidade de gerar lucro por conta da criminalidade violenta. Tal como aponta Caldeira (2000), nos últimos anos, o crescimento da indústria da segurança privada (tanto em equipamentos quanto em serviços) é uma característica das sociedades capitalistas ocidentais e de muitos países em via de desenvolvimento que estão a reboco do capitalismo global. Ou seja, a globalização vende estes serviços sob formas cada vez mais sofisticadas e variadas. Em diversos países ocidentais, o equipamento de segurança está se tornando cada vez mais complexo e os serviços privados estão crescendo consideravelmente, tanto em quantidade como em extensão (MOSER, 2004).

Apesar do crescimento dos serviços e tecnologias de segurança privada ser uma tendência internacional, ela assume algumas características distintas em contextos marcados por um crescimento maior das formas mais violentas de crime relação as menos violentas. Desta forma, como apontou o antigo Procurador da República de Moçambique, Augusto Paulino, nos primeiros anos pós-independência o nível da criminalidade era, de uma maneira geral, muito baixo, tanto em quantidade como em periculosidade. “*O crime, em suma, tem vindo a agigantar-se, avantajando-se, até certo ponto, à máquina do Estado vocacionada a combatê-lo*” (PGR, 2006, p.45)<sup>3</sup>. Com certeza, todas essas transformações provocaram impactos na vida cotidiana dos habitantes e estrutura urbana.

---

<sup>3</sup> Grifo nosso.



Conforme Franze (2021), o criminoso tem uma perspectiva de ação racional voltada para a maximização do lucro. Para tal, antes de se envolver em um acto delitivo, ele faz um balanceamento entre o risco de ser preso ou morto, quer pela população, quer pela polícia e os ganhos que possam advir da ação delitiva. Se o risco for maior que os benefícios, ele desiste deste alvo e procura alvos propiciando mais ganhos potenciais e menos riscos.

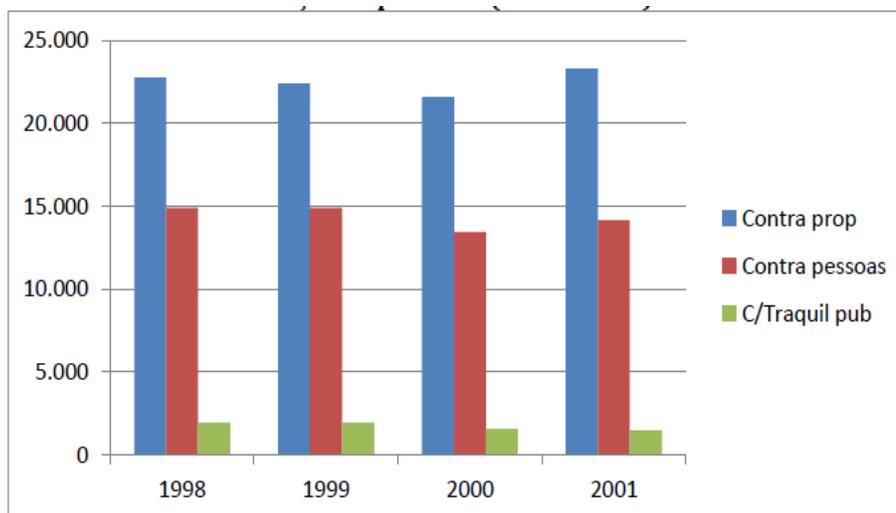
## **A CONSTRUÇÃO DE MURO ALTOS COMO REAÇÃO A VIOLÊNCIA DO PROCESSO DA URBANIZAÇÃO EM MOÇAMBIQUE**

Na atualidade, a metade da população mundial é considerada urbana. O processo de urbanização continua acelerado, mas é marcado por ritmos regionalmente diferenciados (MACHADO, 2004). A violência decorrente da natureza do processo de urbanização está ligada ao desenvolvimento dos centros urbanos, em especial, por meio da concentração populacional (BONDARUK 2007). Ela é associada à causas políticas, econômicas e sociais. Essa violência não é um processo uniforme. Como diz Franze (2017), o crescimento dos centros urbanos alimentado pelo êxodo rural faz surgir bruscamente novos bairros residenciais que devem atender o aumento da demanda por moradias. Em contrapartida, verificam-se nos bairros periféricos comportamentos violentos adversos quase constantes diante desta dinâmica.

O crime patrimonial e a forma rotineira e brutal de como é praticado estimulam a sensação do medo e insegurança na população. Diante desta realidade, cidadãos adotam rotinas de cautela (SEGULANE, 2003). Como aponta Caldeira (2000), a violência e o medo se combinam com processos de mudança social nas cidades contemporâneas. Foi o que asseverou Tomane (2004, p. 2) no seu estudo sobre a violência urbana no bairro de Polana-Caniço, na cidade de Maputo, onde moradores evitavam andar de noite com medo de serem assaltados. Quando isso é inevitável, usam várias estratégias tais como: "guardar o dinheiro, o telefone celular, os brincos, colares e alianças nas roupas interiores (cuecas, *soutiens*) e nas meias". Por outro lado, conforme uma pesquisa realizada por Franze (2021) em Chimoio, Gondola e Manica, em alguns bairros locais estudados, durante à noite as pessoas preferem andar em grupo ou recorrer a táxis para chegarem às suas residências evitando assaltos na via pública.



Gráfico 2. Evolução de crimes contra propriedade; contra pessoa e tranquilidade pública em Moçambique entre (1998 - 2001)



Fonte: Maloa (2012).

60

A violência decorrente da natureza do processo de urbanização, como dissemos anteriormente, está a gerar sensações de medo e insegurança, num contexto em que a população acredita que a polícia não funciona dentro do marco da legalidade (UNICRI, 2003; KULA, 2009; NOTÍCIAS, 6 março de 1992). A sensação do medo por parte da população urbana em Moçambique se intensificou a partir da década de 1990, num período em que ocorria um processo de urbanização acelerada (ARAÚJO, 2003). Logo após os acordos de Roma, que puseram fim à longa e destrutiva guerra civil, esperava-se que a maior parte da população que havia se refugiado na cidade por conta da guerra, retornasse as suas zonas de origem, pois, os centros urbanos não lhes ofereciam condições de trabalho e de vida mínimas.

As cidades que receberam menos deslocados durante a guerra civil albergaram um número considerável de novos migrantes com a paz, como foi o caso de Inhambane/Maxixe que cresceu com uma taxa média anual de 12,8%, do Chimoio (8,3%) e da Beira (5,1%). As restantes mantiveram ritmos de crescimento demográfico semelhantes à fase anterior, com exceção da área urbana Maputo/ Matola, cujo crescimento demográfico foi apenas o resultado do crescimento natural (2,4%) (ARAÚJO, 2003).



Tabela 1. Taxa de crescimento médio anual de 1980 -1997 (%)

Cidades	1980-1991	1991-1997
Lichinga	4.5	5.3
Pemba	4.4	4.2
Nampula	4.3	4,5
Nacala	4.8	4.0
Quelimane	8.4	0.5
Tete	6.9	1.3
Chimoio	4.1	8.3
Beira	2.9	5.1
Inhanbane	2.1	12.8
Xai-Xai	6.5	2.1
Chókwè	16.0	0.3
Matola	4.4	2.4
Maputo	4.6	3.1

Fonte: Araújo (2003).

A partir de 1992, a população mais pobre começou a se fixar nos bairros periféricos da área urbana apresentando diversos problemas de habitabilidade como a precariedade do saneamento do meio e da iluminação pública, a falta de água canalizada e de vias de acesso transitáveis. Esses problemas geraram também descontentamento entre parte dos novos residentes, pertencentes a classes economicamente mais favorecidas, que instalaram suas novas residências em locais caros e com todas as condições sociais básicas de habitabilidade, onde, os antigos moradores do local foram expulsos por falta de recursos financeiros.

A cidade saiu, então, de uma fase de implosão e entrou numa era de expansão que transformou sua periferia. Ao mesmo tempo, as classes mais abastadas iniciavam uma fase de construção residencial em espaços da área urbana considerados áreas de preservação ambiental pelos planos directores (ARAÚJO, 2003). Franze (2021) defende que, neste contexto, as áreas elegantes do centro da cidade foram ocupadas por ricos, empurrando os pobres para zonas



periféricas mais desfavoráveis, provocando um processo de gentrificação, com o fito de modificar a paisagem urbana e valorizá-la.

A densidade urbana aumenta assim a medida que a região comporta os fluxos económicos inter e intra-regionais capazes de alavancar um processo de realimentação do adensamento do lugar central estruturante de uma dada região. O fator primordial que determina o grau de integração entre regiões é a capacidade de estabelecer bases exportadoras regionais, decorrentes da exploração de suas vantagens comparativas (LÖSCH, 1954; NORTH, 1977). As relações económicas intra-regionais, por seu turno, são alimentadas pela ampliação da oferta de serviços capazes de estimular o desenvolvimento de economias urbanas, como é o caso em Maputo, Matola, Beira e Nampula que estão se expandindo cada vez mais para espaços rurais.

A expansão em direção à espaços rurais não é mais exclusiva das grandes cidades. Pode, também, ser observada em cidades de médio e pequeno porte, como resultado da dinâmica de produção de habitação. O processo é acompanhado pelo Regulamento Geral das Edificações Urbanas (MOÇAMBIQUE, 2018, p.2), que diz que: “todas as edificações, seja qual for a sua natureza, deverão ser construídas com perfeita observância das melhores normas da arte de construir” e “com todos os requisitos necessários para que lhes fiquem asseguradas, de modo duradouro, as condições de segurança, salubridade e estética mais adequadas à sua utilização e as funções educativas que devem exercer”.

A população urbana tem usado o medo da violência e do crime para justificar a construção de muros residenciais altos feitos de alvenaria, concreto, grades ou cercas (ALMADA, 2006). Para os que já tinham construído muros, a reabilitação dos mesmos permitiu elevar eles até 3 a 5 metros de altura. Para adaptar-se a situação atual, muros mais altos garantem maior sentimento de segurança. Conforme estudos realizados por Franze (2021), os muros altos de vedação residencial impedem visibilidade de quem passa na calçada, ou seja, a vigilância natural (feita por transeuntes durante a sua caminhada pelas calçadas). Por outro lado, são perigosos, porque ninguém pode ouvir ou mesmo socorrer as vítimas de infrações solicitando socorro. Do exterior, as pessoas podem pensar que se trata de uma simples briga de casal. Aliás, para uma segurança residencial eficaz, Jacobs (2011), sugere a construção de muros baixos, de preferência com grades para permitir uma vigilância natural.

Figura 1. Residências com muros altos



Fonte: A equipa de pesquisa (2022).

63

A construção de muros residenciais altos que parecem bunkers tem alterado a estética das residências, de acordo com a realidade vivida nas cidades moçambicanas. Constituem hoje as vedações mais desejadas pelos moradores, principalmente os da classe média. Foram transformados em objeto característico da nova forma de urbanização nas cidades moçambicanas.

Em termos dramáticos, há quem afirme que o nosso tempo está sendo varrido por vendavais de insegurança. Aconteceria mesmo que os melhores esforços que fazemos no sentido de tornar o nosso ambiente mais seguro conduziram, paradoxalmente, para uma insegurança ainda maior, dando lugar ao que se designa por dilema da insegurança” (ALVES, 2008, p. 64).

A insegurança é o antónimo de segurança, que significa “a condição que se estabelece num determinado ambiente, através da utilização de medidas adequadas, com vista à sua preservação e à condução de actividades, no seu interior ou em seu proveito, sem rupturas” (ALVES, 2011, p. 74).



## ALGUNS ASPECTOS PROBLEMÁTICOS DA VIDA COTIDIANA DENTRO DOS MUROS ALTOS DAS RESIDÊNCIAS URBANAS

64

A construção dos muros nas cidades moçambicanas, tornou-se uma estratégia de segurança suplementar, justificada por residentes entrevistados como uma forma de se proteger do crime violento. Como diz Almada (2006), os muros têm uma função ambígua. Facilitam a segurança residencial, mas aumentam o isolamento da residência e dificultam a visibilidade. Isso fica mais claro quando se lembra as ruas das grandes cidades no passado ou de cidades pequenas onde os moradores são os “olhos das ruas”. As crianças podem sair sem medo para brincar nas ruas (pouco movimentadas). As pessoas podem circular nas ruas, até mesmo pouco iluminadas, pois há muitas janelas viradas para as ruas. Os moradores, quando enxergam qualquer ameaça de perigo, movimentação, ou barulho fora do normal, vão socorrer a vítima. O contato visual entre o interior das edificações e o espaço público funciona como uma vigilância natural, transmitindo segurança aos pedestres. Qualquer briga, incidente, confusão, assalto entre outros, podia ser controlada ou inibida com a ação dos próprios moradores, que podem observar a rua de dentro de suas casas (SABOYA, 2010).

Os muros altos segregam os que estão nas ruas dos que estão protegidos atrás deles, impossibilitados de serem socorridos (JACOBS, 2011). Isso expõe o drama urbano da civilização *versus* a barbárie. Manter a segurança urbana se tornou uma função fundamental dos muros das cidades e suas calçadas. Jacobs (2011), assevera que a violência da urbanização e a insegurança real, ou imaginária, são fenômenos sérios em cidades. E, também, como dizem Dias (2005) e Lopes apud Santos (2009), os muros altos representam uma fuga e não um enfrentamento da violência, o que os tornam uma pseudo-solução para acabar com a violência urbana. Pior, em longo prazo pode deteriorar a qualidade de vida e as condições de exercer a própria cidadania na malha urbana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno da urbanização extensiva, tomado enquanto resultado-síntese dos processos de explosão urbana e de extensão espacial do meio-técnico-científico-informacional, permitiu a



emergência de novas centralidades no entorno metropolitano. O processo de urbanização tem influência no crime e na construção de muros residenciais dos munícipes nas cidades moçambicanas, pois estes dois processos expandem-se de forma unânime, mais com intensidades diferentes. Assim, os residentes ficam convictos que com a adoção de novos modelos de arquitectura de muros, iram se proteger do crime, apesar que em termos sociais distanciam-se dos outros, tais como seus vizinhos. A ideia é reforçada por Jencks (1993) que defende que a arquitetura defensiva, embora lamentável como tática social, também protege os direitos dos indivíduos e grupos ameaçados. Os muros altos na visão dos seus proprietários representam uma segurança contra perigo alheio, sobretudo assaltos, mas a realidade mostra que eles são perigosos, pois, coíbem a vigilância que seria proporcionada por transeuntes nas calçadas.

Um dos fatores da criminalidade mais desprezados, mas com impacto negativo é a incivildade, mormente o toque de aparelhagem a elevados volumes (coíbe a solidariedade para quem pede socorro), consumo excessivo de álcool e drogas proibidas (altera a consciência do indivíduo, agindo sem discernir o certo do errado), montões de lixo não recolhidos, permitem que os indivíduos escondam nele armas e drogas.

## REFERÊNCIAS

ALBERTO, B. M. **Entre o silêncio e o lucro: Um estudo sobre a onda de sequestros nas cidades de Maputo e Matola em Moçambique, período de 2011-2013.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2015.

ALMADA, Mauro. **Desenho urbano e segurança.** Versão editada e simplificada da tese de mestrado do autor Ideologia e desenho urbano: o caso dos condomínios fechados, PUR/UFRJ, 1986. Consultado em 21 de julho de 2006. Disponível em: <http://historianovest.blogspot.com/2010/07/desenho-urbano-e-seguranca.html>

ALVES, Armando. Carlos. **Em busca de uma sociologia da polícia.** Lisboa: Revista da Guarda Nacional Republicana, 2008.

ALVES, Armando. Carlos. Introdução à segurança. Lisboa: **Revista da Guarda Nacional Republicana**, 2010.

ALVES, Armando. Carlos. Contributos para uma sociologia da polícia. Lisboa: **Revista da Guarda Nacional Republicana**, 2011.



BONDARUK, Roberson L. **A Prevenção do crime através do desenho urbano**. 1. ed. Curitiba: Edição do autor, 2007.

CALDEIRA, Teresa. **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

FRANZE, José. J. **Expansão urbana e a criminalidade violenta: O caso da cidade de Chimoio-Moçambique (2007-2014)**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, Brasil, 2017.

FRANZE, José. J. **Espaços municipais moçambicanos no contexto da Criminalidade: Uma análise de homicídios e assaltos à mão armada em Manica, Chimoio e Gondola**. Tese de Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, Brasil, 2020.

FREITA, Wagner C. de. **Espaço urbano e criminalidade: Lições da Escola de Chicago**. São Paulo: Método, 2004.

HILLIER, Bill; SAHBAZ, Ozlem. **An evidence-based approach to crime and urban design: Or, can we have vitality, sustainability and security all at once?** London: Bartlett School of Graduate Studies, p. 01–28, 2008.

JACOBS, Janet. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KELLING, Georges. L.; WILLSON, James. Q. Broken Windows. **The Atlantic**, março de 2022, Disponível em: <http://www.theatlantic.com/magazine/archive>.

KULA. **Criminalidade e vitimização: Cidades de Maputo, Beira e Nampula**. Maputo: KULA, 2009.

LÖSCH, August. **The Economics of Location**. New Haven: Yale University Press. 1954.

MACHADO, Carla. **Crime e Insegurança**. Lisboa: Notícias Editorial. 2004.

MALOA, Joaquim. M. O impacto da criminalidade urbana em Moçambique. **Revista do laboratório de estudos da violência**. Unesp/Marília, p. 99-118, 2015.

MALOA, Joaquim. M. **A emergência da criminalidade urbana violenta na sociedade moçambicana pós-colonial**. Tese de Doutorado em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, Brasil, 2019.

MEDEIROS, Cíntia R. de O.; VALADÃO, Vardir M. Jr.; PAULINO, Alessandra F. **A Gestão dos processos de um condomínio horizontal fechado orientada pelas expectativas dos moradores**. 2006.



MOSER, Caroline. O. Urban Violence and Insecurity: An Introductory Roadmap. **Environment & Urbanization**, 16 (2), 2004, p. 3-16.

NORTH, D. Teoria da Localização e Crescimento Econômico Regional. In: SCHWARTZMAN, J. (org.). **Economia Regional: Textos Escolhidos**. Belo Horizonte: CEDEPLAR/CETREDE-MINTER. 1977.

OMS. **Combate ao crime organizado**. 2019.

ONU. **World Urbanization Prospects: The 2014 Revision Highlights**. Nova Iorque. 2014.

SABOYA, Renato. **Segurança nas cidades: jane jacobs e os olhos da rua**. Disponível em: <http://urbanidades.arq.br/2010/02/seguranca-nas-cidades-jane-jacobs-e-osolhos-da-rua/> . Acessado em 23 de março de 2022.

SANTOS Jr, L. L. **Sociabilidade e identidades confinadas em condomínios da barra da Tijuca**. Tese de doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro. 2009.

#### **Legislação Consultada**

MOCAMBIQUE. **Código penal vigente**. Lisboa: 3ª edição. 1886.

MOCAMBIQUE. **Constituição da República de Moçambique**, 2004.

MOCAMBIQUE. **Boletim da República**. Regulamento Geral de Edificações Urbanas, com o Regime de Licenciamento de Obras Particulares, Regulamento do Solo Urbano. Quinta-feira, 12 de Julho de 2018.